

RAY BRADBURY

**UM
CEMITÉRIO
PARA
LUNÁTICOS**

«BRADBURY NASCEU PARA ESCREVER.»

Margaret Atwood



cavalo de ferro

Com amor, aos vivos:
SID STEBEL,
que me mostrou como resolver
o mistério de mim mesmo;
e à minha filha ALEXANDRA,
que depois se encarregou das limpezas.

E aos mortos:
FEDERICO FELLINI,
ROUBEN MAMOULIAN,
GEORGE CUKOR,
JOHN HUSTON,
BILL SKALL,
FRITZ LANG,
JAMES WONG HOWE
e GEORGE BURNS,
que, tinha eu catorze anos,
me disse: «És um escritor.»

E a
RAY HARRYHAUSEN,
por motivos óbvios.

1

Era uma vez duas cidades numa cidade. Uma era feita de luz, a outra, de escuridão. Uma não sossegava o dia inteiro, enquanto a outra não dava sinal de vida. Numa, havia calor e luzes sempre a ser ajustadas e reajustadas. A outra era fria e as suas lápides não sofriam reajustes. E a cada final de tarde, quando se punha o Sol, a Maximus Films – a cidade dos vivos – começava a parecer-se mais e mais com o cemitério de Green Glades – a cidade dos mortos –, que lhe era contíguo.

Quando se apagavam as luzes e não se filmava mais e o vento que varria as esquinas dos vários barracões que constituíam os estúdios da Maximus Films arrefecia, era como se uma poderosa melancolia entrasse pelo portão principal da cidade dos vivos, varrendo tudo à frente enquanto avançava por avenidas crepusculares rumo ao muro alto que separava as duas cidades na mesma cidade. E, prontamente, as ruas enchiam-se de algo a que talvez apenas se possa chamar memórias. Porque, se era verdade que toda a gente se fora embora, para trás ficara toda uma arquitectura assombrada pelos fantasmas dos acontecimentos mais inacreditáveis.

Porque aquela era a cidade mais descabelada do mundo, onde tudo podia acontecer, e acontecia de facto. Ali, houvera já dez mil mortes e, despachada cada uma, os envolvidos levantavam-se todos sorridentes e iam tranquilos à sua vida. Pegava-se fogo a prédios de apartamentos que afinal depois não ardiavam. As sirenes não se calavam e os carros da polícia dobravam as esquinas à maluca, mas depois os agentes despiam as fardas, tiravam a maquilhagem, hidratavam a cara e rumavam às suas casas – pequenos bangalós em condomínios fechados no vasto e, regra geral, monótono mundo lá fora.

Por ali andavam ferozes dinossauros ora em miniatura, ora com quinze metros de altura, gigantescos perante virgens semidescascadas que gritavam ao ouvir «acção!» Dali tinham partido inúmeras cruzadas, havendo depois que devolver todas as armaduras e lanças aos armazéns de

guarda-roupa onde tinham sido alugadas. Ali, Henrique VIII fizera rolar umas poucas cabeças. Dali, Drácula saíra em forma humana para regressar reduzido a pó. E eram ali as catorze estações da via-sacra, cujo rasto de sangue se mantinha sempre fresco — era o sangue dos argumentistas que gemiam a caminho do Calvário arrastando a pesada cruz de uma tonelada de revisões aos argumentos, açoitados por realizadores e montadores com os x-actos em riste. Das suas torres, os muçulmanos eram chamados para as orações diárias ao pôr-do-sol, isto enquanto iam passando limusinas cujos vidros faziam adivinhar poderosos sem rosto — passavam e os camponeses desviavam o olhar, porque temiam cegar.

Ora, sendo tudo isto verdade, outras tantas razões para se acreditar que, quando desaparecia o Sol, se reerguiam todos esses lugares passados, e a cidade quente arrefecia e começava a assemelhar-se mais e mais aos pomares de mármore galgando o muro. À meia-noite, instalada aquela estranha paz resultante da temperatura, do vento e da voz de um qualquer relógio de uma igreja distante, as duas cidades tornavam-se finalmente uma só. Então, toda a actividade ficava por conta do guarda-nocturno, que deambulava entre a Índia e França, passando pelas pradarias do Kansas, pelas casas citadinas de Nova Iorque, por Piccadilly e pelas escadarias da Praça de Espanha em Roma, percorrendo vinte mil léguas de maravilhas nuns breves vinte minutos. Isto enquanto o seu homólogo do lado de lá do muro picava o ponto e ficava a fazer rondas por entre os túmulos monumentais, apontava a lanterna a todo um sortido de anjos petrificados, lia nomes em lápides como quem lê o genérico de um filme e, chegando a meia-noite, ia sentar-se a beber o seu chazinho na companhia de actores mortos. Às quatro da manhã, já com os dois guardas-nocturnos a dormir, as duas cidades, aconchegadas em segurança, ficavam a aguardar que o Sol renascesse para iluminar flores murchas, lápides desgastadas pelo tempo e a elefantina Índia mesmo a pedir a sobrepopulação, se assim quisesse Deus, o Realizador, e o departamento de figuração lhe fizesse a vontade.

Eis a situação na noite do Dia das Bruxas de 1954.

O Halloween.

A minha noite favorita do ano.

Se assim não fosse, esta nova História de Duas Cidades jamais teria acontecido.

Mas como podia eu resistir a pô-la em marcha, se o convite fora lavrado com o cinzel mais frio?

Como não ajoelhar, encher os pulmões e soprar a fina poeira do mármore?

2

O primeiro a chegar...

Naquele Halloween, eu chegara à Maximus Films às sete da manhã.

O último a sair...

Eram quase dez da noite e eu estava a fazer a minha última ronda pelos barracões, ainda a digerir o simples mas inacreditável facto de que finalmente trabalhava num lugar onde tudo estava claramente definido. Ali, todos os começos eram inequívocos, tal como os fins eram categóricos e irreversíveis. Depois, havia o mundo lá fora, onde os cenários não eram falsos e onde a vida estava cheia de surpresas desagradáveis, com os seus enredos mal cosidos – uma vida na qual eu não confiava. Já na Maximus Films, a passear por entre os barracões ao amanhecer ou ao crepúsculo, era livre de me imaginar rei e senhor daqueles estúdios. Na minha imaginação, era eu quem mandava na Maximus Films.

Assim sendo, lá me ia eu passeando por aquele território de um quilómetro por um quilómetro e meio, com os seus catorze barracões e dez *décors* exteriores, vítima do meu romantismo e da minha paixão desvairada pelo cinema, onde a vida estava sob controlo quando, passando os portões ornamentais de ferro forjado, ela se descontrolava.

Já se estava a desoras, mas tinham-se agendado muitas produções para concluir as filmagens na noite de Halloween – assim, as várias festas de fim de rodagem tornar-se-iam uma grande farra de despedida. Três barracões tinham os seus gigantescos portões de correr escancarados, escapando-se, do seu interior, música de orquestra, gargalhadas, o barulho de rolhas de champanhe a saltar e cantoria com fartura. E, lá dentro, uma multidão vestida ainda com as roupas das suas personagens recebia efusivamente a multidão que ia chegando com as suas fantasias de Halloween.

Já eu não entrei em nenhum; sorria ou deixava escapar uma gargalhada ao passar por cada um deles e isso bastava-me. Porque, tendo eu

decidido para comigo que tudo aquilo me pertencia, era livre de ir ou ficar conforme bem entendesse.

Mas, prestes a desaparecer de novo por entre as sombras, apercebi-me da ligeira inquietação que sentia. O meu amor pelo cinema já durava há demasiados anos. Era como andar de caso com o King Kong, que surgira na minha vida tinha eu treze anos; caíra-me em cima, o coração ainda a bater-lhe no peito moribundo, e eu jamais conseguira sair-lhe de baixo.

Da mesma maneira, a cada manhã, quando eu ali chegava, era como se aqueles barracões me apanhassem nas garras. Levava horas até que me libertasse do seu encantamento, a minha respiração normalizasse e eu fizesse o que ali viera fazer. Mas vinha o crepúsculo e o encantamento regressava, e lá me via eu de novo aflito para respirar. Sabia que algum dia muito em breve teria de escapar dali e ganhar a liberdade; teria de fugir e jamais regressar, senão, tal como Kong sempre a cair para a sua morte, também eu um dia acabaria por morrer vítima da Maximus Films.

Passei por um último barracão em festa e senti-lhe as paredes sacudidas por uma derradeira explosão de gargalhadas e de *jazz* acelerado. Um assistente de câmara passou por mim a pedalar; no cesto da bicicleta levava mais uma lata de película para ser autopsiada por um montador – que empunharia o seu bisturi para lhe salvar a vida ou arrumar com ela. O destino daquela lata de película tanto podia ser as salas de cinema como o deserto para as prateleiras reservadas aos filmes mortos, que lá ficam a apodrecer – ou, pelo menos, a ganhar pó.

Alguns no alto das colinas de Hollywood, o relógio de um campanário deu as dez da noite. Rodando nos calcanhares, voltei para a minha cela de prisioneiro no edifício reservado aos argumentistas.

O convite para fazer papel de idiota esperava-me na minha secretária, não literalmente lavrado a cinzel no mármore, mas impecavelmente dactilografado em papel da melhor qualidade.

Li-o e afundei-me na cadeira; sentia-me gelado, só me apetecia amarrotar a folha e atirá-la para o cesto dos papéis.

Dizia:

GREEN GLADES PARK. Halloween.

Hoje à meia-noite.

A meio do muro.

P.S. Espera-te uma surpresa que nem imaginas. Material para um *best-seller* de ficção com um argumento de primeira. Não faltes!

Há que dizer que não sou um homem corajoso. Nunca tirei a carta de condução. Não ando de avião. Até aos vinte e cinco anos, morria de medo das mulheres. E odeio as alturas – para mim, o Empire State Building é o terror em estado puro. Os elevadores põem-me nervoso. Acho sempre que as escadas rolantes me vão morder. Sou esquisito com a comida – já ia nos vinte e quatro quando comi pela primeira vez um bife; cresci à base de hambúrgueres, sanduíches de fiambre e *pickles*, ovos e sopa de tomate.

– Green Glades Park! – exclamei.

Mãe do Céu, pensei de seguida. À meia-noite?! Eu, o puto que, passada mais de metade da adolescência, ainda levava porrada dos grandalhões? O miúdo que escondeu a cara no sovaco do irmão da primeira vez que viu O Fantasma da Ópera?!

Sim, esse mesmo.

– Não sejas idiota! – gritei.

E lá rumei ao cemitério.

À meia-noite.

3

Antes de passar o portão, ainda fiz um desvio para ir à casa de banho junto à entrada, mas tornei a desviar no sentido oposto. Com o tempo, aprendera a guardar distância daquela espécie de gruta subterrânea, onde se ouvia água a correr – não se sabendo de onde nem para onde – e também, ao abriremos a porta, um barulho fugaz que lembrava caranguejos a correr a esconder-se. Há muito que aprendera a parar, aclarar a garganta e só depois abrir a porta – lentamente. Porque isso fazia com que várias portas no interior da casa de banho dos homens fechassem de forma brusca com ruídos surdos, ou quase silenciosamente, ou, por vezes, de modo mais retumbante, como se as criaturas que haviam passado o dia enfiadas na gruta – e que ainda por ali andavam, talvez por conta das festas em curso nos vários barracões – tivessem corrido a esconder-se, todas em pânico, e então entrávamos para aquele silêncio de porcelana fria e de águas subterrâneas, vertíamos nós as *nossas* águas o mais rapidamente possível e saíamos a correr sem lavar as mãos. E, estando nós de novo lá fora, ouvia-se o lento e sorrateiro reacordar dos caranguejos, as portas abriam-se, sussurrantes, e os habitantes da gruta tornavam a deixar os esconderijos, mais ou menos febris e descompostos.

Assim, como já disse, desviei no sentido oposto, anunciei-me com um grito, a ver se a costa estava livre, e esgueirei-me para a casa de banho das senhoras, logo em frente – uma divisão toda ela em fria cerâmica de uma brancura imaculada, e não uma gruta escura povoada por criaturas que corriam a esconder-se; despachei o serviço e saí dali num piscar de olhos, mesmo a tempo de ver um regimento da guarda prussiana em marcha rumo ao Estúdio 10 e à festa que lá decorria. O capitão, que era um homem bonito, de longos cabelos loiros e olhos grandes e inocentes, deixou a formação e, sem saber no que se ia meter, dirigiu-se à casa de banho dos homens.

Este, nunca mais ninguém o vai ver, pensei para comigo, e apertei o passo, porque já era quase meia-noite.

O meu táxi (um luxo a que não me podia permitir, mas macacos me mordessem se ia sozinho ao cemitério!) parou diante dos portões do cemitério quando faltavam três minutos para a hora marcada.

Seguiram-se dois longos minutos a contar todas as criptas e monumentos funerários onde Green Glades Park empregava a tempo inteiro aí uns nove mil que já tinham esticado o pernil.

São da casa há cinquenta anos. Desde que os promotores imobiliários Sam Green e Ralph Glade se viram forçados a declarar bancarota e a arasar com o que ali já tinham erguido para então serem plantadas todas as lápides que agora se viam.

Achando talvez que ainda assim os seus nomes lhes trariam sorte, a dupla esqueceu os bangalós e aquele lugar tornou-se, simplesmente, Green Glades Park, onde passariam a ser enterrados os muitos esqueletos que a Maximus Films, logo do outro lado do muro, teria nos seus armários.

Corria que os magnatas do cinema envolvidos naquela jogatana imobiliária tinham pagado mais do que o devido aos dois cavalheiros, para eles ficarem de boca calada. E, logo com a primeira leva de mortos, enterraram-se incontáveis mexericos, rumores, culpas e crimes que já vinham muito de trás.

Eis-me, portanto, ali sentado, de joelhos hirtos e a bater os dentes de medo. Fixei-me no muro, para lá do qual contei seis aconchegados barracões de filmagens, seguros e maravilhosos, onde se estariam a queimar os últimos cartuchos do Halloween, onde iam chegando ao fim as últimas festas de fim de rodagem, a música a parar e pessoas de bem a rumar a casa na companhia de pessoas de mal.

Vi faróis varrerem o exterior do barracão mais próximo, imaginei todos os «adeusinho» e «bons sonhos» que estariam a ser trocados e, de súbito, o que eu mais queria era estar com eles, e queria lá saber que fossem pessoas de bem ou de mal; podiam não ir a caminho de boa coisa, mas até isso era melhor do que estar onde eu agora estava.

Alguns no cemitério, um relógio deu a meia-noite.

– E agora? – disse alguém.

Os meus olhos desviaram-se do barracão lá adiante e fixaram-se no cabelo do taxista.

Ele olhou-me através da grade de segurança que nos separava e ali ficou a chupar os dentes, que eram grandes como chicletes. Ao calar-se

o eco do grande relógio do cemitério, ouvi a chiadeira do portão sacudido pelo vento.

– Quem vai abri-lo? – perguntou o taxista.

– *Eu?! –* arrisquei responder, aterrado.

– *Bingo!* – replicou ele. Ao fim de um longo minuto, lá me obriguei a enfrentar aqueles portões e foi com surpresa que descobri estarem destrancados. Empurrei-os e abri-os de par em par.

Qual velho a conduzir um cavalo exausto e aterrorizado, fiz sinal ao taxista para entrar no cemitério. O táxi não se calava com o seu resmungar entredentes, o que não ajudava, e, para piorar, também o taxista ia resmungando:

– Raios partam isto... Aviso-o já: se vir alguma coisa a correr na nossa direcção, nem pense que fico aqui!

– E *eu* muito menos! – repliquei. – Vá, ande lá!

Os vultos brancos sucediam-se de um lado e do outro da estrada de graxilha. Ouvi um fantasma suspirar algures, mas não, eram apenas os meus pulmões a encher e esvaziar, qual fole, tentando aquecer-me, por pouco que fosse, o peito enregelado.

Caíram-me na cabeça uns quantos pingos de chuva.

– Raios – sussurrei. – E eu sem guarda-chuva...

Mas que raio estou eu a fazer aqui?!, perguntei para mim.

Ao ver filmes de terror antigos, sempre rira do tipo que sai à rua a meio da noite quando devia era ficar sossegado em casa. Ou, sendo uma mulher a fazê-lo, tinha invariavelmente uns olhos muito abertos e inocentes que não paravam de pestanejar, tal como, invariavelmente, calçava saltos altos, tipo agulha, bons para tropeçar quando chegasse o momento de correr. Ainda assim, ali estava *eu*, tudo porque me deixara tentar por um bilhete idiota.

– *Eu* daqui não passo! – declarou o taxista.

– Cobarde! – piquei-o.

– Pode crer que sim! – replicou ele. – Espero aqui e *pronto!*

Ainda estávamos a meio caminho do muro lá adiante e a chuva fina deixou-me a cara toda molhada e ensopou os palavrões que me iam subindo pela garganta.

À luz dos faróis do táxi, vi um escadote encostado ao muro ao fundo do cemitério, permitindo saltar dali para as traseiras da Maximus Films, onde eram os *décors* exteriores.

Ao chegar ao escadote, ergui o olhar e tentei ver por entre a chuva miudinha e fria.

Ali no alto estava um homem – prestes a saltar o muro, tudo indicava. Mas havia um senão: o tipo estava imóvel como se um relâmpago o tivesse fotografado, fixando-o naquela pose com a sua ofuscante emulsão azulada. De cabeça atirada para a frente, qual atleta prestes a cortar a meta, estava curvado como se fosse lançar-se violentamente para o território da Maximus Films.

Mas não; qual estátua grotesca, ali continuava ele, imóvel.

Já ia chamá-lo, mas então compreendi o porquê do seu silêncio, da sua imobilidade.

Aquele homem estava a morrer ou já estava morto.

Com a escuridão no seu rasto, fora até ali, subira o escadote e imobilizara-se para sempre ao ver... *o quê?* Teria algo vindo pelas suas costas para lhe pregar um susto de morte? Ou teria antes sido algo do lado de lá, vindo da escuridão dos estúdios e mil vezes pior?

A chuva ia lavando as lápides brancas.

Sacudi a escada. E exclamei:

– Mãe do Céu!

Porque o velho tombou ali do alto.

Fugi-lhe do caminho.

E, qual meteorito de chumbo com dez toneladas, ele aterrou por entre as pedras tumulares. Tornei a pôr-me de pé e aproximei-me dele, o ribombar no meu peito não me deixava ouvir nada, enquanto a chuva sussurrava nas lápides e o ensopava.

Fixei-me naquela cara.

Que me olhou de volta com uns olhos como ostras.

Estás a olhar porquê?, perguntou o morto em silêncio.

Porque eu sei quem tu és!, respondi em pensamento.

A cara dele tornara-se uma lápide branca.

És James Charles Arbuthnot, antigo chefe da Maximus Films, continuei.

Sim, murmurou ele.

Mas, mas..., balbuciei (sem que me saísse um som), *da última vez que te vi, tinha treze anos e ia a passar de patins pelo portão da Maximus Films. Foi há vinte anos, na semana em que morreste, e nos dias que se seguiram foram publicadas dezenas de fotografias de dois carros que tinham emba-tido num poste telefónico, uma coisa horrível, ambos reduzidos a sucata, o passeio todo sujo de sangue e os corpos quase irreconhecíveis; depois vieram outros dois dias em que se publicaram centenas de fotografias do teu funeral, onde havia mil pessoas e um milhão de flores, e, no meio de*

toda aquela gente, estavam os chefes dos estúdios de Nova Iorque, a chorar lágrimas sinceras, e uns duzentos actores e actrizes, todos de óculos escuros a esconderem-lhes os olhos chorosos e sem se ver um sorriso que fosse. A tua perda foi verdadeiramente sentida. Ainda saíram as últimas fotografias dos dois carros destroçados em Santa Monica Boulevard e, depois disso, passaram semanas até que os jornais esquecessem de vez o caso e deixassem de se ouvir elogios à tua pessoa em todas as estações de rádio e todos perdoassem o rei por ele ter morrido para não mais voltar. Ora, a causa de tudo isso foste tu: James Charles Arbuthnot.

Não pode ser! É impossível!, quase gritei. Tu, aqui esta noite, a querer saltar o muro?! Quem te pôs ali em cima? Não podem matar-te segunda vez, ou podem?!

Um relâmpago iluminou o escuro. O trovão que se seguiu foi como uma porta gigante a bater. A chuva ia ensopando a cara do morto, enchendo-lhe os olhos de falsas lágrimas. Tal como lhe ia enchendo a boca aberta.

Dei meia-volta e, com um berro, dei à sola.

Só quando cheguei ao táxi percebi que o meu coração ficara lá atrás, caído ao pé do morto.

Mas ele voltou a correr – qual tiro de caçadeira, acertou-me em cheio no peito e atirou-me contra o táxi.

O taxista mantinha-se de olhos fixos na estrada que se estendia à minha frente. A chuva ia fustigando a gravilha.

– *Então?! Está a dormir?!* – gritei.

– Não!

– Ótimo! Tire-nos daqui!

O motor foi abaixo.

Da nossa parte, um duplo queixume de desespero.

O motor tornou a roncar – vá lá, o medo não o paralisava.

Não é fácil andar em marcha-atrás a cem à hora.

Mas foi o que fizemos.

4

Passei metade da noite acordado, a olhar para as paredes da minha sala de estar igual a todas, com mobília como a que toda a gente tinha, na segurança do meu pequeno bangaló numa rua igual às outras, numa zona sossegada da cidade. Bebi três canecas de chocolate quente, mas continuava a tiritar enregelado enquanto projectava imagens mentais pelas paredes.

Não se morre duas vezes!, pensei. Aquele homem a subir aquele escadote nesta noite de temporal não podia ser James Charles Arbuthnot! Os corpos decompõem-se. E deixam de existir.

Lembrei-me de um dia em 1934 em que J. C. Arbuthnot saíra da sua limusina diante dos estúdios quando eu ia a passar por ali nos meus patins, o que me fez tropeçar e cair-lhe directamente nos braços. Com uma gargalhada, ele ajudou-me a recuperar o equilíbrio, assinou-me o caderno de autógrafos, apertou-me a bochecha e entrou.

Pois agora, Deus do Céu!, esse homem viera do passado para, debaixo de uma chuva gelada, se empoleirar num escadote e de lá cair por entre a vegetação rasteira do cemitério.

Já estava a imaginar as conversas e as manchetes.

J. C. ARBUTHNOT REGRESSA DOS MORTOS!

— Não! — exclamei para o tecto branco, no qual a chuva ia sussurrando. E lá caiu o morto outra vez. — Não era *ele*. Aquilo foi *mentira!*

Espera até amanhecer, aconselhou uma voz.

5

Amanheceu, mas não foi grande ajuda.

Nas notícias não se falou de nenhum morto.

O jornal estava a abarrotar de carros desfeitos e rusgas. Mas de J. C. Arbuthnot nem rasto.

Meio desorientado, saí de casa e fui à minha garagem, que estava cheia de brinquedos e revistas antigas sobre engenhocas e ciência; nada de carros, apenas a minha bicicleta em segunda mão.

A meio do caminho para os estúdios, dei-me conta de que não sabia se tomara a estrada certa. Aturdido, caí da bicicleta a tremer.

E, ao meu lado, um descapotável vermelho-alaranjado travou a fundo.

O condutor, que usava um boné com a pala para trás, fez o motor roncicar. Fixou-se em mim através do pára-brisas. Um dos olhos, visível, era azul; o outro estava escondido por um monóculo que parecia ali embutido e que reflectia o sol em explosões incandescentes.

– Bom dia, seu imbecil de uma figa! – gritou. Tinha sotaque alemão. Quase deixei cair a bicicleta. Reconheci-lhe o perfil; aos doze anos, vira-o gravado em baixo-relevo numas moedas antigas. Ou era César ressuscitado ou um sumo pontífice do Sacro Império Romano-Germânico. O coração expulsou-me todo o ar dos pulmões. – Então, não falas?! – gritou. – Diz alguma coisa!

– Bom dia, seu imbecil de uma figa – ouvi-me responder. – O senhor é Fritz Wong, certo? Nascido em Xangai, de pai chinês e mãe austríaca, tendo vivido com eles em Hong Kong, depois em Bombaim e em Londres, seguindo-se uma dúzia de cidades alemãs. Promovido de moço de recados a montador, depois argumentista, depois director de fotografia na televisão alemã, depois realizador de fama mundial. Dirigiu *A Maldição dos Cavalcanti*, o aclamado clássico do mudo. Reinou em Hollywood de 1925 a 1927, sendo banido por causa de uma cena na qual, dirigindo-se a si mesmo no papel de um general da guarda prussiana, cheirava a roupa

interior de Gerta Froelich. Gozando já de fama internacional, regressou a Berlim, de onde se pôs a andar logo a seguir, antes que chegasse Hitler. Assinou *Amor Furioso, Delírio, Ir à Lua e Voltar...*

A cada detalhe, a cabeça dele voltara-se meio centímetro, enquanto os lábios se iam franzindo num sorriso de fantoche e o monóculo lançava reflexos como se transmitisse em código Morse.

Sob o monóculo entrevia-se um olho de oriental. Talvez o seu olho esquerdo saísse ao pai e o direito, à mãe. Mas não; era uma ilusão óptica provocada pelo monóculo. A testa e as faces eram uma muralha de arrogância teutónica, erguida para durar dois mil anos – ou até que lhe rescindissem o contrato.

– Que foi que me chamaste? – perguntou, com tremenda cortesia.

– O mesmo que o senhor me chamou a *mim* – respondi, num fiozinho de voz. – «Imbecil...» – sussurrei – «... de uma figa.»

Ele assentiu. E sorriu. E abriu a porta do passageiro.

– Entra!

– Mas o senhor não me...

– Não te conheço? Achas mesmo que ando por aí a dar boleia a todo o imbecil que me aparece à frente montado numa bicicleta?! Julgas que não te vi já a rondar os estúdios?! Quando vais comer ao refeitório, tens tanta pressa que mais pareces o Coelho Branco. – Aqui chegado, estalou os dedos. – Sabes quem pareces? O filho bastardo de Edgar Rice Burroughs e o seu *John Carter*, ou de H. G. Wells e Júlio Verne. Põe a bicicleta aí atrás, anda. «Estamos atrasados, *muito atrasados!*»

Arrumei a bicicleta no descapotável e depois entrei eu, mesmo a tempo antes de ele arrancar a oitenta à hora.

– Mas, enfim, entre os dois, venha o Diabo e escolha! – berrou Fritz Wong, de modo que se fizesse ouvir por cima da barulhada do escape. – Olhando ao nosso trabalho, só podemos ser doidos varridos, os dois. Mas tu tens sorte, continuas a *adorar* o que fazes!

– O senhor *não*? – repliquei.

– Sim, *adoro*, e que Deus me ajude! – resmungou ele. E inclinou-se por cima do volante, para assim sentir o vento na cara. Já eu não conseguia deixar de o observar. – És mesmo a coisa mais estúpida que já vi na vida! – berrou. – Queres morrer, é?! Tens algum problema que não te deixa guiar um carro?! Que tipo de bicicleta é aquela? E começaste *agora* a escrever para cinema?! Queres escrever aquelas porcarias porquê?! Devias ler Thomas Mann e Goethe!

– Thomas Mann e Goethe jamais teriam sido capazes de escrever bons argumentos – respondi em voz baixa. – *A Morte em Veneza* é um bom livro, reconheço. O *Fausto*? Sem dúvida. Mas um bom *argumento*? Ou um conto como os meus? Descreverem uma chegada à Lua de modo *convince*nte? Esqueça. E o senhor, conduz de monóculo porquê?

– Não é da tua conta! Mais vale ser cegueta. Se virmos o condutor à nossa frente com demasiada nitidez, vamos querer passá-lo a ferro! Olha para mim! *Concordas* comigo ou não?

– O senhor é cómico!

– Mau! Tudo quanto diga Wong, o *Magnífico*, é sagrado, ou não sabias?! Vá, responde: não andas de carro *porquê*?!

Estávamos a conversar aos berros, para nos ouvirmos um ao outro por cima do vento que nos arrepanhava os olhos e os lábios.

– Os escritores não têm *dinheiro* para carros! Além disso, aos quinze anos vi cinco mortos feitos aos bocados por causa de um carro que foi contra um poste telefónico.

Olhando-me de relance, ele viu como eu ficara pálido só de me lembrar.

– Era como uma guerra, *ja*? Afinal não és tão idiota como julguei. Estás a trabalhar em parceria com o Roy Holdstrom, ouvi bem? *Odeio* reconhecê-lo, mas o tipo é brilhante com os efeitos especiais.

– Somos amigos desde o liceu. Vi-o fazer as primeiras miniaturas de dinossauros ainda na garagem dos pais. Fizemos uma promessa: em adultos, íamos criar monstros, os dois juntos.

– E acabaram a *trabalhar* para monstros! – gritou ele por cima do vento. – O Manny Leiber é uma aranha saída dos pesadelos de um lagarto peçonhento! Tenham cuidado! Olha, olha! O bestiário!

Com o queixo, indicou os caçadores de autógrafos junto ao portão da Maximus Films.

Olhei para lá. Acto contínuo, a minha alma escapou-se do meu corpo e viajou até ao passado. De repente, era 1934 e ali estava eu, ensardinhado numa multidão voraz, todos de caneta e caderno de autógrafos no ar, a correr de cá para lá à luz dos holofotes em noites de estreia, a perseguir Marlene Dietrich se ela ia ao cabeleireiro ou Cary Grant quando ele ia aos combates de boxe no Legion Stadium às sextas à noite, ou então à porta do restaurante onde Jean Harlow estava noutra dos seus almoços de três horas ou, não sendo ela, era Claudette Colbert, toda animada depois da ceia.

Passei os olhos por aquela multidão histérica e tornei a ver as caras ora de buldogue, ora de pequinês, ora pálidas, ora míopes de amigos cujo

nome esquecera e com quem perdera o contacto, todos à espera diante da Maximus Films, com a sua imponente fachada que lembrava o Museu do Prado e cujos portões de ferro com nove metros de altura e todos aos arabescos abriam e fechavam unicamente para os famosos. E vi-me a mim mesmo no meio de toda aquela passarada de boca aberta, faminta de encontros fugazes, de *flashes* a disparar e de cadernos pejados de assinaturas. E, na minha imaginação, o Sol pôs-se, a Lua surgiu no céu e vi-me de patins, a fazer os quinze quilómetros de volta a casa por passeios sem ninguém, a sonhar que um dia seria ou o escritor mais famoso do mundo ou um argumentista medíocre numa produtora de série Z.

– Bestiário? – murmurei. – Chama-lhes *isso*?

– E eis o *jardim zoológico*! – rematou Fritz Wong.

Passámos os portões da Maximus Films a uma velocidade trepidante e seguimos pelas suas ruas inundadas de figurantes, figurões e demais gente acabada de chegar. Fritz Wong enfiou o carro num lugar onde se lia «PROIBIDO ESTACIONAR» e desligou o motor.

Saí e disse-lhe:

– Qual é a diferença entre um bestiário e um jardim zoológico?

– Aqui no jardim zoológico, as nossas jaulas são o dinheiro. Já os idiotas lá fora no bestiário deixaram-se enjaular pelos seus sonhos patetas.

– Pois eu já fui um deles. E o meu sonho era passar para o lado de cá.

– O que foi uma estupidez. *Agora* nunca mais vais conseguir sair.

– Vou, sim. Terminei mais um volume de contos e uma peça de teatro.

O meu nome ficará para a posteridade!

O monóculo dele reluziu.

– Não digas essas coisas, senão já não consigo desprezar-te.

– Pelo que já conheço de Fritz Wong, isso passa-lhe em meio minuto.

Ele ficou a ver-me tirar a bicicleta do descapotável.

– Tens qualquer coisa de alemão, tu.

Instalei-me na bicicleta.

– Não me insulte.

– Falas assim com *toda* a gente?

– Não; só com o «Grande Frederick», cujos filmes adoro, embora o indivíduo seja detestável.

Ele desatarraxou o monóculo do olho e deixou-o cair no bolso da camisa – como se o monóculo fosse a moeda e ele, a máquina.

– Há uns dias que te venho observando – disse, pausadamente. – Li os teus contos de uma assentada. Não te falta talento; tens arestas a limar,

claro. Sucede que, para minha desgraça, estou a trabalhar num filme que é um caso perdido. Envolve Cristo, Herodes e toda essa santalhada idiota. A produção arrancou já com nove milhões de prejuízo e sob o comando de um realizador bêbado que nem de um bando de crianças no infantário daria conta. E agora elegeram-me como cangalheiro do desastre. Diz-me cá: que espécie de cristão és?

– Tresmalhado.

– Perfeito! Não te espantes se eu arranjar maneira de te despedirem desse teu épico jurássico imbecil. Olha que, se conseguires ajudar-me a embalsamar a atrocidade crística de que te falei, a tua cotação sobe. Chama-se a isto o «princípio de Lázaro»: alguém que entre para uma produção com morte anunciada e a ponha capaz de ir para as salas vê a sua cotação subir. Dá-me mais uns dias para te observar e ler mais coisas tuas. E hoje, à uma em ponto, aparece no refeitório. Come o que me vires comer e, a menos que te perguntem alguma coisa, trata de ficar calado. Ouviste, meu sacaninha talentoso?

– Ouvi, seu grande sacana, isto é, *Unterseeboot Kapitän*.

Quando arranquei a pedalar, ele deu-me um empurrão – não para me fazer cair, mas à maneira serena de um velho filósofo que ajuda um pupilo a seguir o seu caminho.

Não olhei para trás.

Tive medo de o ver a olhar para trás – para *mim*.

6

– Meu Deus! – exclamei. – Por causa dele, até me *esqueci*!

A noite anterior. A chuva. O muro. O morto.

Parei a bicicleta à porta do Estúdio 13.

Um segurança que ia a passar por ali perguntou:

– Tem *dístico* para estacionar aí? Esse lugar está reservado para Sam Shoenbroder. Terá de contactar a recepção.

– Um *dístico*?! – exclamei. – Mãe do Céu! Para uma *bicicleta*?! – Furioso, agarrei na bicicleta, passei aquela pesada porta de estação espacial e rumei escuridão adentro. – Roy?! – chamei. Silêncio.

Às escuras, olhei em volta. Eis-me no «reino mágico de Roy Holdstrom».

Tinha um igual na minha garagem, só que em ponto grande.

Dispersos pelo Estúdio 13 estavam os brinquedos com que o Roy brincara aos três anos, os livros que lera aos cinco, as caixas de magia de quando já tinha oito anos, os estojos de electrotecnia e de química que recebera, respectivamente, aos nove e dez anos, as tiras de banda desenhada que saíam no jornal ao domingo e que ele começara a coleccionar aos onze anos, e as miniaturas do King Kong lançadas em 1933 – quando, aos treze anos, ele vira o gorila gigante no grande ecrã cinquenta vezes em duas semanas.

As minhas mãos ansiavam por mexer naquelas coisas. Havia por ali ímanes de super-heróis comprados na drogaria, giroscópios, comboios de brincar e caixas de magia do tipo que deixa os miúdos petrificados e os faz ponderar tornarem-se ladrões. E também ali estava a minha cara, moldada em tamanho real – para isso, tivera de deixar que o Roy ma besuntasse toda com vaselina e depois a cobrisse de gesso. E, ao todo, também ali estariam uns doze moldes do imponente perfil aquilino do próprio Roy, e incontáveis caveiras e esqueletos largados pelos cantos ou instalados em cadeiras de praia – tudo para que o Roy se sentisse em casa naquele

barracão tão grande que até o *Titanic* teria ali cabido (sobrando ainda espaço para um galeão do século XVIII).

Adicionalmente, o Roy encheu uma parede com cartazes de vários tamanhos de filmes como *O Mundo Perdido*, *King Kong*, *O Filho de King Kong*, *Drácula* e *Frankenstein*. No chão, sobre caixas de plástico cor de laranja a fazer as vezes de bases, erguiam-se esculturas de Karloff e Lugosi. Na secretária estavam três dinossauros articulados dos que tinham chegado às lojas aquando da estreia de *O Mundo Perdido*. À data, o Roy ganhara-os num concurso (aliás, fora a produção do filme a enviar-lhos) — há muito que aquelas criaturas pré-históricas se tinham visto despedidas da sua carne de borracha, ficando expostos os ossos de metal por baixo.

Resumindo: o Estúdio 13 era uma loja de brinquedos, um baú de magia, uma arca de feiticeiro, uma oficina de truques e engenhocas e um hangar de sonhos voadores, era ali que, a cada dia, por artes dos seus longos dedos de pianista, o Roy conseguia acordar criaturas lendárias de um sono de dez mil milhões de anos.

E eis-me agora a abrir caminho por aquele ferro-velho — uma autêntica lixeira de avareza mecânica, cobiça de brinquedos e amor a monstros vorazes, cabeças guilhotinadas e múmias de Tutankhamon de carne enegrecida a desfiar.

Por toda a parte, erguendo-se como tendas pigmeias, plásticos escondiam as criações que só a seu tempo o Roy desvelaria. Não me atrevi a levantar a ponta de um que fosse.

E, por entre tudo isto, um esqueleto em pelota e de braço erguido segurava um bilhete que rezava:

CARL DENHAM!

(O empresário que capturara King Kong.)

SOB ESTES OLEADOS ESTÃO NOVAS CIDADES ACABADAS DE NASCER E QUE AGUARDAM SER DESCOBERTAS. NÃO TOQUES EM NADA E VEM TER COMIGO.

«NINGUÉM VOLTA ATRÁS NO TEMPO», ESCREVEU THOMAS WOLFE, MAS ENGANAVA-SE. QUANDO CHEGARES ÀS OFICINAS, CORTA À ESQUERDA E VAI ATÉ AO SEGUNDO DÉCOR EXTERIOR DO LADO DIREITO. OS TEUS AVÓS ESPERAM-TE! VEM VISITÁ-LOS! ROY.

Passei os olhos por todos aqueles oleados ali em volta. Em breve seria revelado o que escondiam! Boa!

Deixei o Estúdio 13 a correr e a pensar para comigo: *Que quererá ele dizer? Os meus avós?... À minha espera?!* Abrandei. Agora a respirar mais devagar e mais fundo, enchi os pulmões com aquele ar fresco que cheirava a carvalhos, ulmeiros e áceres.

Afinal o Roy tinha razão.

Podemos voltar atrás no tempo.

Numa tabuleta diante do segundo *décor* exterior lia-se «PLANÍCIE COM ÁRVORES», mas não, aquilo era Green Town, onde eu nascera e fora criado à custa do pão que ficava todo o Inverno a levedar atrás do bojudado fogão de metal – exactamente o mesmo sítio onde mais tarde, já no fim do Verão, fermentava o vinho e que, muito antes da Primavera, já se enchera de resíduos do carvão, que faziam lembrar dentes de ferro.

Ignorei os passeios e segui pelos relvados, agradecendo a Deus por ter um amigo que resolvera tornar realidade o meu sonho de longa data.

Passei por três casas brancas onde tinham vivido amigos meus em 1931, virei numa esquina e então parei, em choque.

Na estrada de tijolo, todo sujo de poeira, estava o velho *Buick* do meu pai, um modelo de 1929 que, em 1933, rumaria à Costa Oeste. Ei-lo ali agora a enferrujar em silêncio – os faróis dianteiros já um tanto amolgados, a grelha com a tinta a descascar e o radiador, que lembrava um favo de mel, revestido de traças e asas de borboleta azuis e amarelas ali coladas, qual mosaico pintado ao longo de Verões passados.

Espreitei para o interior e passei uma mão trémula pelo banco de trás; picava. Fora ali que eu e o meu irmão não paráramos de nos acotovelar e gritar um com o outro enquanto atravessávamos o Missouri, depois o Kansas, o Oklahoma e por aí fora.

Aquele não era o carro do meu pai. Ao mesmo tempo, *era*.

Permiti-me erguer o olhar e então deparei com a nona maravilha do mundo.

A casa dos meus avós, com o seu alpendre com um baloiço e os gerânios em vasos cor-de-rosa ao longo da guarda de madeira. A toda a volta, os fetos eram como aspersores de tinta verde. O relvado dir-se-ia o pêlo de um gato também verde. E os trevos e dentes-de-leão eram tantos que dava vontade de tirar os sapatos e correr descalço por aquela vasta tapeçaria. E...

Lá estava a janela no andar de cima, onde eu dormia – ao acordar, era dali que contemplava toda aquela paisagem verdejante, todo um mundo verde.

E agora, no mesmo baloiço no alpendre onde eu e a minha família nos sentávamos nas noites de Verão, devagarinho ora para diante, ora para

trás, com os dedos compridos entrelaçados no colo, ali estava o meu melhor amigo.

O Roy.

Ia baloiçando em silêncio, entregue aos seus pensamentos, da mesma maneira que eu viajara até uma tarde no pino do Verão há muito, muito tempo.

Ao ver-me, ele ergueu aqueles braços como guias, indicando o relvado e as árvores à nossa volta. E exclamou:

– Somos *mesmo* uns sortudos, não achas?!

7

Fora aos doze anos que o Roy começara a fazer dinossauros em miniatura na garagem dos pais. Esses mesmos dinossauros perseguiram o pai dele pelo pátio das traseiras até finalmente o devorarem, ficando a tragédia registada em película de oito milímetros. Mais tarde, já com vinte anos, o Roy realojara os seus dinossauros em pequenas produtoras de série Z e começara a fazer os seus filmes de orçamento microscópico ambientados em mundos pré-históricos. Filmes esses que o tornaram famoso. Os dinossauros consumiam-lhe de tal maneira os dias que os seus amigos começaram a ficar apreensivos e tentaram arranjar-lhe uma rapariga simpática e disposta a aturar tais criaturas. Ainda andavam à procura dela.

Ao subir os degraus do alpendre, lembrei-me de uma noite especial em que fui com o Roy ao Shrine Auditorium, para vermos a ópera *Siegfried*.

«Quem são os cantores?», perguntara eu.

«Isso interessa para alguma coisa?!», exclamara o Roy. «O importante é o dragão!»

Bem, em termos musicais, foi arrebatador. Mas o dragão... meu Deus, que decepção.

Os nossos lugares eram tão afastados do palco que, do dragão Fafner, vi unicamente a *narina esquerda*! E o Roy viu a fumarada quando ele cuspiu fogo para queimar o Siegfried – e nada mais.

«Raios!», resmungou.

Em menos de nada já Fafner morrera com a espada mágica cravada bem fundo no coração. Siegfried gritou em triunfo. O Roy levantou-se de modo brusco, chamou um nome impróprio ao espectáculo e saiu dali desabrido.

Fui dar com ele no átrio a resmungar para com os seus botões.

«Que Fafner da *trreta*! Cristo! Mãe do Céu! Tu viste aquilo?!»

Revoltados, saímos pela noite dentro, deixando para trás um Siegfried ainda a berrar a plenos pulmões sobre a vida, o amor e as artes de açougueiro.

«Pobre público», comentou o Roy. «O Fafner já morreu, mas ainda vão ter de aguentar mais *duas horas* daquilo!»

E ali estava agora o meu amigo, para trás e para diante em silêncio num baloiço de alpendre na frente de uma casa algures no passado, mas que viajara até ao presente.

– Ei! – saudou-me, feliz. – Eu não te disse?! Consegui ou não?! Aqui está ela: a casa dos meus avós!

– Não; dos *meus*!

– Dos meus e dos teus, pronto!

Tornou a rir, cheio de uma felicidade genuína, e mostrou-me um exemplar do romance de Thomas Wolfe.

– Enganou-se, ele – disse o Roy, muito calmo.

– Pois foi – confirmei. – Macacos me mordam se não voltámos *literalmente* a casa! – Detive-me. Dali, conseguia avistar, logo adiante da vasta pradaria de *décors* exteriores, o muro que separava o cemitério da Maximus Films. Assombrava-o o fantasma de um corpo no cimo de um escadote, mas eu ainda não me sentia capaz de falar nisso. Por isso, disse: – E que novidades contas do teu Monstro? Já o *encontraste*, pelo menos?

– Ora, e o *teu*, está onde?

Há dias que andávamos naquilo.

Eu e o Roy fôramos contratados para criar monstros no papel e a três dimensões, respectivamente. Fariamos cair meteoritos sobre a Terra e criaturas humanóides saíam de lagoas negras. Resumindo: a Maximus Films encomendara-nos os lugares-comuns mais batidos – o importante era que metessem medo.

O Roy fora o primeiro a ser contratado, por causa da sua mestria técnica – os seus pterodáctilos voavam *literalmente* por céus pré-históricos e os seus brontossauros eram, *de facto*, montanhas que iam ter com Maomé.

E, então, alguém lera uns vinte ou trinta dos meus «contos assombrosos», que eu vinha escrevendo desde os doze anos e que, aos vinte e um, começara a vender às revistas de literatura «rasca», o que resultara na minha contratação para escrever uma história «empolgante» que envolvesse as criaturas do Roy, o que, por sua vez, me pusera a hiperventilar, pois, entre os bilhetes que pagara e as vezes em que entrara à socapa, já teria visto alguns nove mil filmes no cinema e passara metade da minha vida à espera do tiro de partida para me lançar a correr pelo mundo dos filmes dentro.

«Quero algo nunca *visto!*» – tinham sido essas as palavras de Manny Leiber logo no meu primeiro dia. «Dispara-se qualquer *coisa* em 3D em direcção à Terra. Cai um meteorito.»

«Perto da Cratera do Meteoro no Arizona», continuei eu. «Que já lá está há um milhão de anos. Ou seja, não há lugar mais apropriado onde cair um *novo* meteorito, para então...»

«Surgir um *novo* terror!», exclamou Manny.

«Mas é para se ver *mesmo* o que é?», perguntei.

«Hã? Como *assim?! Claro* que é para se *ver!*»

«De acordo, mas pense num filme como *O Homem Leopardo!* O medo vem das sombras, do que não se consegue ver à noite. Ou *A Ilha dos Mortos*, quando a mulher morta afinal estava catatónica e, ao acordar, dá por si fechada num túmulo.»

«Isso é para a rádio!», exclamou Manny Leiber. «Raios, hoje em dia as pessoas querem ver aquilo que lhes mete medo!»

«Não que eu queira contrariá-lo...»

«Então não contraries!» E Manny lançou-me um olhar assassino. «De ti, quero dez páginas que me deixem borrado de medo! Quanto a ti...» E apontou para o Roy. «O que ele escrever, tu depois colas com cagalhões de dinossauro! Vá, desapareçam-me os dois da frente! Vão fazer caras ao espelho às três da manhã!»

«Sim, senhor!», exclamámos eu e o Roy. Só faltou fazer-lhe continência. A porta fechou com estrondo nas nossas costas.

Cá fora, eu e o Roy entreolhámo-nos, a franzir-nos todos por causa do sol.

«Mais uma embrulhada em que nos meteste!», disse ele, como se fôssemos o Bucha e o Estica.

E, ainda a rir a bandeiras despregadas, metemos mãos à obra.

Pela minha parte, escrevi dez páginas, deixando margem de sobra para monstros. E o Roy despejou quinze quilos de argila fresca na mesa de trabalho e pôs-se a dançar à volta, usando ora a espátula, ora os dedos, na esperança de que o monstro emergisse qual bolha gasosa que vem à tona de um lago pré-histórico e então rebenta com um silvo de vapor sulfuroso para deixar sair o horror *a sério*.

Quando terminei, ele leu o que eu tinha escrito.

«E o Monstro?!», exclamou.

Olhei-lhe de relance para as mãos – vazias, ainda que revestidas de argila vermelho-sangue.

«E o teu?», ripostei.

Passadas três semanas, continuávamos na mesma.

– Estás parado aí em baixo a olhar para mim porquê? – perguntou o Roy. – Sobe, anda. Tenho aqui dónutes. Vamos falar.

Subi ao alpendre, aceitei o dónute que ele me estendeu, sentei-me no baloiço e começou o vaivém – adiante, o futuro; para trás, o passado. Adiante, Marte e foguetões espaciais. Para trás, dinossauros e lagos de lama negra.

E, cercando-nos, monstros sem cara.

– Para alguém que normalmente fala a cento e cinquenta à hora, estás muito calado – observou o Roy.

– Estou assustado – lá admiti.

– Ora bolas. – O Roy travou a nossa máquina do tempo. – Desembucha, caríssimo.

Assim fiz.

Ergui ali o muro, trouxe o escadote, pus o morto lá em cima, fiz vir a chuva e rematei com um relâmpago que fez o corpo cair lá do alto. Quando terminei, e já depois de secar a chuva que me molhara a testa, mostrei ao Roy a mensagem dactilografada que recebera.

O Roy passou os olhos por aquele convite de Halloween, depois deixou-o cair no chão do alpendre e pôs-lhe um pé em cima.

– Isto foi alguém a meter-se contigo!

– Certo. Ainda assim, estraguei umas cuecas.

O Roy apanhou o convite do chão e releu-o, depois olhou para o muro lá adiante.

– Que interesse teria alguém em mandar-te *isto*?

– Sim, atendendo sobretudo a que a maioria dos que aqui trabalham nem sabe que eu *exist*o!

– Bem, é preciso não esquecer: ontem foi o *Halloween*. Ainda assim, que trabalhadeira pôr um morto no cimo de um escadote. Espera... e se eles te disseram *a ti* que aparecesses à meia-noite, mas disseram *a outros* que aparecessem às oito, às nove, às dez e às onze? E se andaram a assustar-vos de enfiada? Faz sentido, não?

– Só se tiveres sido *tu* o engraçadinho!

Ele voltou-se bruscamente.

– Tu não achas mesmo que eu ia...

– Não. Sim. Não.

– *Decide-te*. Qual das duas é?

– Lembras-te daquele Halloween quando tínhamos dezanove anos e fomos ao Paramount Theatre ver *O Gato e o Canário* com o Bob Hope? Quando a rapariga que estava sentada à nossa frente gritou, olhei para o lado e ali estavas tu com aquela máscara de borracha enfiada na cabeça, a fazer de vampiro.

– Pois foi – disse ele a rir.

– E lembras-te daquela vez em que me ligaste a dizer que o velho Ralph Courtney, o nosso melhor amigo, tinha morrido e pediste-me que fosse a tua casa? Ele estava lá deitado, mas era tudo a gozar; tinhas-lhe dito para pintar a cara de branco, deitar-se a fazer de morto e só se levantar quando eu entrasse, lembras-te?

– Já. – E o Roy tornou a rir.

– Acontece que me tinha cruzado com o Ralph na rua, o que te estragou a partida.

– Pois foi. – Ele ia abanando a cabeça ao lembrar-se das suas diabruras.

– Pois aí tens. Não admira que agora ache que podes ter sido tu a empoleirar aquele maldito morto no muro e a mandar-me o convite.

– Só há uma falha na tua teoria – replicou o Roy. – Tu pouco me falaste do Arbuthnot. Se tivesse sido eu a fazer o boneco, como faria para ter a certeza de que tu o reconhecias? Tem de ter sido alguém que, há décadas, tenha visto *mesmo* o Arbuthnot, não?

– Bem...

– Não faria sentido pôr um boneco à chuva se tu depois não soubesses quem raio estavas a ver. Já me falaste de muitos famosos que conheceste em miúdo, quando ias esperá-los à saída dos estúdios. Sendo *eu* o autor da partida, teria optado pelo Rodolfo Valentino ou então pelo Lon Chaney. Só assim poderia ter a certeza de que reconhecias o morto. É ou não é?

– É – lá admiti, meio encavacado. Sondei-lhe a expressão e apressei-me a desviar o olhar. – Desculpa. Mas, raios, aquele *era* o Arbuthnot. Nos anos trinta, vi-o em pessoa umas vinte vezes. Em antestreias. Ou aqui, no portão da Maximus Films. Chegava sempre num dos seus carros desportivos, teria uma dúzia deles, ou então eram limusinas; tinha três. E havia as mulheres, eram às dúzias, sempre a rir. E, de cada vez que dava um autógrafo, ele escondia uma moeda de vinte e cinco cêntimos no caderno antes de no-lo devolver. Vinte e cinco cêntimos! Em 1934! Dava para um pacotinho de leite maltado, um chocolate e um bilhete de cinema.

– O gajo fazia isso?! Não admira que te lembres dele. Ao todo, quanto te deu ele?

– Houve um mês em que me deu um dólar e vinte e cinco cêntimos. Fiquei *rico*. E agora ele está sepultado do lado de lá daquele muro, no lugar onde eu estive ontem à noite, certo? Porque iria alguém simular que ele tinha sido desenterrado e pô-lo no alto de um escadote, só para me assustar? Para quê dar-se a tanto trabalho? Quando caiu ao chão, o corpo parecia de ferro. No mínimo, seriam precisos dois homens para carregar um peso assim. E para quê?

O Roy agarrou noutro dónute e trincou-o.

– Sim, para quê? A menos que *alguém* quisesse usar-te para dar a notícia ao mundo inteiro. Porque era de esperar que tu contasses a alguém, não?

– Sim, talvez.

– Pois não o faças. Ainda agora estás com cara de assustado.

– E sem motivo para isso. Simplesmente, estou com o pressentimento de que isto não foi apenas uma partida, de que há outro significado *qualquer*.

O Roy fixou-se na parede e foi mastigando em silêncio.

– Espera – disse, por fim. – Por acaso esta manhã *voltaste* ao cemitério para ver se o corpo continua *lá*? E que tal irmos ver?

– Nem penses!

– Seria em plena luz do dia. Não sejas caguinchas!

– Não sou, mas...

– Ei, ó saloios! – exclamou alguém; pelo tom, não estava contente.

– Estão aí *porquê*?! – Eu e o Roy olhámos. Ali no relvado estava Manny Leiber, o seu *Rolls-Royce* logo ali ao lado, de motor ligado, embora mal se ouvisse; de resto, a carroçaria nem tremia. – Então?! Perderam a língua?! – berrou ele.

– Estamos em *reunião*! – replicou o Roy, muito descontraído. – Queremos mudar-nos para aqui.

– *Hã*?! – Manny fixou-se na antiga mansão vitoriana.

– É um ótimo sítio para se trabalhar – explicou o Roy. – No solário, por exemplo; falta só uma mesinha para a máquina de escrever.

– Vocês já têm sítio para trabalhar!

– Não é inspirador – disse eu, apanhando a deixa do Roy. Olhei em volta. – Isto, sim, é inspirador. – Devia tirar *todos* os argumentistas daquelas salas onde os pôs! O Steve Longstreet está a escrever um argumento sobre a Guerra Civil Americana, certo? Pois instale-o além, naquela mansão de Nova Orleães. E vê aquela padaria francesa logo adiante? Era o sítio perfeito para o Marcel Dementhon terminar o seu argumento sobre

a revolução, ou não? Seguindo em frente, tem Piccadilly; raios, instale lá todos os argumentistas ingleses que contratou!

Manny avançou lentamente até ao alpendre; estava muito vermelho e parecia baralhado. Olhou na direcção dos barracões, depois para o *Rolls-Royce*, depois para nós os dois; dir-se-ia que nos apanhara a fumar nas traseiras do celeiro. Em pelota.

– Chiça, não bastava o estardalhaço ao pequeno-almoço, agora tenho dois maluquinhos a quererem transformar a casa de uma matrona da velha América numa catedral dos argumentistas!

– Precisamente! – confirmou o Roy. – Neste mesmo alpendre, ergui eu o cenário para o filme de *stop-motion* mais assustador de sempre!

– Cala-te com as hipérboles. – Manny rodou nos calcanhares. – Quero resultados!

– Podemos ir consigo no *Rolls-Royce*? – pediu o Roy.

Fomos no *Rolls-Royce*.

A caminho do Estúdio 13, de olhos no pára-brisas, Manny Leiber disse:

– Estou a ver se consigo manter este manicómio nos eixos e vocês os dois sentados em alpendres a olhar para ontem! Onde raio está o meu Monstro?! Há três *semanas* que estou à espera!

Tentei fazê-lo ver a razão.

– Leva tempo até que alguma coisa *realmente* diferente surja da noite! Dê-nos espaço para respirar, dê-nos tempo para que o eu secreto venha à tona. Fique tranquilo. O Roy anda de volta da argila; *alguma* coisa há-de nascer daí. Mas, por agora, ainda queremos o Monstro escondido nas sombras, entende? A ver se...

– Tretas! – cortou Manny, ainda a olhar em frente, furioso. – Não vejo coisa *nenhuma*! Dou-vos três dias! O que eu quero é ver o *Monstro*!

De repente, saiu-me:

– E se for o Monstro a vê-lo *a si*?! Mãe do Céu, é isso! E se toda a acção se passar do ponto de vista do Monstro?! A câmara move-se *como se fosse* o Monstro! O público vai ficar com medo da câmara e...

Manny fixou-se em mim, pestanejou, fechou um olho e resmungou:

– Não é má ideia... a *câmara*, dizes tu...

– Isso! A câmara sai a rastejar do meteoro. Depois, como se fosse o Monstro, corre pelo deserto fora e assusta tudo quanto sejam lagartos peçonhentos, cobras e abutres. Vai levantando poeira...

– Macacos me mordam... – Manny Leiber fixou-se num deserto imaginário.

– Macacos me mordam! – exclamou o Roy, eufórico.

Aproveitei o embalo.

– Podemos besuntar a lente da câmara com qualquer coisa, depois é só juntar fumo, música assustadora e sombras, pôr o herói a olhar *directamente* para a câmara, e depois...

– *Sim?*...

– Bem, se conto *tudo*, depois já não vale a pena *escrever!*

– Então escreve, *escreve!*

Parámos diante do Estúdio 13 e pulei para fora do *Rolls-Royce*. Estava a falar tão depressa que até atropelava as palavras.

– Ah, e outra coisa: acho que devia escrever *duas versões* do argumento. Uma para si, a outra, para mim.

– Duas?! – exclamou Manny. – E porquê?!

– No fim da semana entrego-lhe as *duas*. E o Manny escolhe qual prefere. Meio dentro, meio fora do *Rolls-Royce*, olhou para mim, desconfiado.

– Ora! Depois fazes de propósito para a *tua* ideia sair melhor!

– Não; vou aplicar-me ao máximo *nas duas!* Temos negócio?

– *Dois Monstros* pelo preço de *um?*! Força!

À porta, o Roy deteve-se, todo teatral.

– Estão *mesmo* preparados para o que vão ver? Na vossa mente e também na alma? – E, qual padre, ergueu as extraordinárias mãos de artista.

– Sim, raios, estou preparado. Abre! – O Roy abriu a porta exterior, depois uma segunda porta, e mergulhámos na completa escuridão. – Acende a luz! – protestou Manny.

– Só um instante... – murmurou o Roy. Ouvimo-lo andar por ali às escuras, com muito cuidado, para não pisar coisas que de momento não víamos. Manny não parava quieto; parecia enervado com aquilo. – Está quase... – disse o Roy, qual mestre-de-cerimónias, com a voz a viajar pela noite. – E agora... – Ligou uma máquina de vento, mas não pôs o som muito alto. Começou por se ouvir um murmurar de tempestade, uma poderosa tempestade que trouxe consigo o frio dos Andes, depois neve, que, com um murmurar, ia caindo do alto dos Himalaias; choveu em Sumatra, um vento tropical rumou ao Quilimanjaro, as ondas levantaram-se ao largo dos Açores, ouviu-se o chamado de aves primitivas e morcegos a bater as asas, até que, finalmente, tudo isto se juntou para nos deixar com pele de galinha e fazer com que a nossa mente caísse por uma sucessão de alcapões, ao encontro de... – Luz! – exclamou o Roy.

E amanheceu nas paisagens por ele criadas, tão alienígenas e belas que nos comoviam e levavam o medo, para, de seguida, tornarem a abalar-nos,

quando as dunas microscópicas, as miniaturas de colinas e as minimontanhas eram varridas pelas sombras de grandes bandos de lemingues a fugir a um terror anunciado, mas ainda por chegar.

Olhei em redor, encantado. Uma vez mais, o Roy lera-me o pensamento. Toda a luz e toda a escuridão projectadas no meu cinema mental em sessões da meia-noite, roubara-as para as refazer em três dimensões ainda antes de eu lhes dar voz. Agora dar-se-ia o inverso: com base no mundo em miniatura por ele criado, ia eu escrever o meu argumento mais singularmente bizarro. O meu protagonista já estava em pulgas por largar a correr por aquele território à escala reduzida.

Atónito, Manny Leiber olhava e nada mais.

O reino jurássico surgido das mãos do Roy era um castelo de fantasmas surgidos numa primordial madrugada de faz-de-conta.

Delimitavam aquele mundo perdido grandes painéis de vidro nos quais o Roy pintara selvas primitivas e pântanos de lama escura onde as suas criaturas se afundavam debaixo de céus tão encarniçados e inclementes como pores-do-sol em Marte, céus feitos de mil tonalidades de vermelho.

Senti o mesmo entusiasmo expectante que sentira no liceu, quando o Roy me levara à sua casa e levantara o portão da garagem, fazendo-me exclamar de espanto ao ver não carros, mas criaturas que, até à última noite das nossas infâncias, e até morrerem, seriam movidas por necessidades primitivas: atacar, despedaçar, mastigar, voar e guinchar.

E agora, ali no Estúdio 13, a cara iluminada do Roy pairava sobre todo aquele continente em miniatura no qual eu e Manny entretanto nos perdêramos a vaguear.

Fui andando com muito cuidado, para não pisar nada; temia provocar o mais ligeiro estrago que fosse. Ao chegar ao pé de uma escultura tapada num suporte, parei e aguardei.

Aquilo só podia ser o Monstro, a criatura a que ele jurara a si próprio dar vida ao percorrermos as salas da Pré-História do museu de história natural da nossa zona, quando o visitámos aos vinte e poucos anos. Decerto o Monstro vivera todos aqueles anos escondido algures, talvez numa mina subterrânea, a revolver a poeira e a alimentar-se de carvão! E lá estava! De repente, começara a ouvir um som vindo das profundezas – era o seu coração primitivo a bater, os seus pulmões vulcânicos a guinchar pela liberdade! Teria o Roy conseguido, por fim, dar-lhe a liberdade?

– Macacos me mordam... – Manny inclinou-se para a criatura ainda por desvelar. – É agora que o vamos *ver*?

– Sim – confirmou o Roy. – Ele está aí debaixo. – Manny levou a mão ao oleado. – Não – travou-o o Roy. – Preciso de mais um dia.

– Mentiroso! – acusou Manny. – Não acredito que haja alguma coisa debaixo deste trapo, raios te partam! – Avançou dois passos. O Roy galgou três. No mesmo instante, a extensão no Estúdio 13 começou a tocar. Antes que eu pudesse fazer um movimento, Manny atendeu. – Sim?! – berrou. A expressão dele mudou. Poderá ter empalidecido ou não, mas que mudou, mudou. – Já sei. – Uma pausa. – Também sei disso. – Nova pausa, e ele começou a ficar vermelho. – *Isso* já eu sabia há meia hora! Raios me partam, estou a falar com *quem*?! – Do outro lado, um zumbido contínuo. Quem quer que tivesse sido, desligara. – Maldição! – Manny atirou com o telefone, mas eu consegui apanhá-lo. – Alguém me embrulhe num lençol húmido, a ver se eu acalmo. Este lugar é um manicómio! Bem, onde é que eu ia?... Ah, vocês os dois! – Apontou para um e para outro. – Não têm três dias; têm dois. Tirem-me esse maldito Monstro da cartola de uma vez e mostrem-mo, antes que eu... – E abriu-se a porta do barracão. Um baixinho de fato preto (um dos motoristas da Maximus Films) surgiu recortado na luz. – Que raio foi agora?! – berrou Manny.

– Conseguimos trazê-lo até aqui, mas o motor gripou. Acabámos de o arranjar.

– Então agora faz o serviço, irra! – E avançou para ele de punho erguido, mas a porta fechou com eco e o baixote já ali não estava, e Manny não teve alternativa senão voltar-se e descarregar em nós aquela explosão de fúria. – Vou mandar tratar dos vossos cheques com o último pagamento. Estarão prontos na sexta à tarde. Cumpram com a vossa parte, ou nunca mais arranjam trabalho nesta cidade, nem um, nem o outro!

– E podemos ficar a trabalhar na casa em Green Town, Illinois? – perguntou o Roy, muito calmo. – Agora que já *viu* resultados da parte destes dois maluquinhos...

Manny deteve-se ainda um momento para, qual criança numa fábrica de fogo-de-artifício, lançar um derradeiro olhar àquele estranho reino desconhecido.

– Raios – resmungou, esquecendo os problemas por um momento –, tenho de admitir que *deste* conta do recado. – Calou-se, furioso por lhe ter saído um elogio, e arrepiou caminho. – Vá, chega de conversa fiada! Mexam esses rabos!

A porta ecoou ao fechar. E pronto, também ele já ali não estava.

De pé no meio daquela paisagem saída de um mundo perdido no passado, eu e o Roy entreolhámo-nos demoradamente.

– Muito curioso, mesmo – disse ele. – De verdade que vais fazer o que disseste? – perguntou depois. – Vais escrever duas versões do argumento? Uma para ele, outra para *nós*?

– Pois claro!

– E como vais tu *concretizar* uma proeza dessas?

– Ora – repliquei –, há quinze anos que me ando a treinar para isto. Escrevi uma centena de contos para revistas de literatura «rasca», um por semana, cem semanas seguidas. Custa alguma coisa escrever dois tratamentos de argumento em dois dias? Ambos *brilhantes*? Confia em mim.

– OK, eu confio, eu confio. – Uma pausa demorada e então ele disse: – Sempre queres ir até lá dar uma vista de olhos?

– Uma «vista de olhos»? *A quê?*

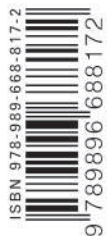
– Ao funeral à chuva a que assististe ontem à noite do outro lado do muro. Espera... – Avançou até à pesada porta de estação espacial. Segui-o. Ele abriu-a. Espreitámos lá para fora. Um carro fúnebre preto com ornamentos em relevo e vidros espelhados ia a afastar-se pela rua do estúdio, com o motor em mau estado a fazer barulhada com fatura. – Aposto que sei para onde eles vão – disse o Roy.

Na noite de Halloween, um jovem argumentista de Hollywood recebe uma mensagem anônima para ir à meia-noite ao cemitério contíguo aos estúdios da Maximus Films, onde será surpreendido por uma «grande revelação». Ali depara com a figura arrepiante do antigo proprietário dos estúdios, supostamente morto há vinte anos. Terá visto bem, ou terá sido uma ilusão, uma partida de mau gosto? Em breve, ocorrerão outros estranhos acontecimentos ligados a um misterioso passado e a um monstro que anda à solta. Na tentativa de resolver todos estes enigmas, contando com a ajuda do detective Elmo Crumley e de uma plêiade de personagens excêntricas da Sétima Arte, o escritor vê-se enredado numa teia de segredos e escândalos que abrem a porta ao leitor ao mundo perdido dos anos dourados do cinema americano.

Escrito com humor e imaginação delirante, *Um Cemitério para Lunáticos* é um dos romances mais icônicos de Ray Bradbury, um livro inclassificável, algures entre uma autobiografia inventada e um livro policial, que evoca, entre sombras e luzes artificiais, um passado deslumbrante.

«Nenhum escritor é comparável a Ray Bradbury.»

The New York Times



cavalo de ferro